

O outro lado da história ou "Das ocupações"

Por Simone Carleto¹

Ao contrário do que se possa imaginar diante do título, que remete aos "famigerados" Três Porquinhos, *Os Tr3s Porcos*, espetáculo de Teatro de Rua d'A *Próxima Companhia*, foi concebido para o público de todas as idades. O trabalho conta com direção e preparação corporal de Rafaela Carneiro, dramaturgia de Renato Mendes, direção musical de Luciano Carvalho, cenografia de Caio Marinho, figurinos de Caio Franzolin e Magê Blanques. Os palhaços Micolino, Oto e Tito, construídos pelos atores Caio Franzolin, Caio Marinho e Gabriel Küster, representam os Três Porcos da fábula popular tradicional infantil. Desta vez, porém, a moral da história (único elemento comum a todas as inúmeras versões da fábula), é totalmente desconstruída na montagem da trupe. Assim, o Porco mais esforçado e trabalhador conquistaria a melhor casa, enquanto aqueles mais "dados aos prazeres da vida" e portanto identificados como preguiçosos, estariam fadados a serem comidos pelo Lobo. Aqui, Micotó e Fetito trabalham sem parar no "mutirão" para construir as casas, enquanto Otoicinho (que tem a casa mais equipada) teoriza com o público a importância do trabalho coletivo.

Comidos e mal-pagos (os trocadilhos constituem ponto forte da abordagem cômica da montagem) de qualquer modo, na versão do grupo, os três irmãos Porcos assumem o ponto de vista da população trabalhadora que luta por moradia. Sobretudo os movimentos organizados socialmente nesse sentido têm sido atacados nos últimos anos. Tragédias nas quais centenas de famílias sem-teto são dizimadas em diversas periferias brasileiras, por conta de

¹ Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

incêndios, são traduzidas na mídia em versões higienistas e que responsabilizam a população e não o estado.

Assim, as dramaturgias de texto, de cena e de ator proporcionam uma complexa e coerente dramaturgia da encenação que reconstróem a fábula, na perspectiva apontada. Para tanto, as classes sociais são apresentadas, implicitamente, por meio dos elementos dispostos para elaboração cenográfica. Uma traquitana - aparato que se caracteriza por transformar-se em inúmeros expedientes que atribuem a ela funcionalidade na encenação - ambienta as três casas dos três porcos. Simbolizadas por folhas de porta, da mais simples à mais estruturada, as casas são construídas em níveis e materiais diferentes: de mais próxima do piso à mais “elevada”; da “maçaneta” de palha até a “barroca”; do suporte de madeira até o de metal; e assim por diante. A partir do endereço, as condições materiais da existência são evidenciadas e na peça é convencionado pela caixa de correspondência, comum aos Três Porcos.

A figura do Lobo permanece oculta, já que representa o sistema capitalista vigente, ou seja, trata-se de alegoria simbolizando o sistema dotado de mecanismos múltiplos de permanência, que precisam ser desnaturalizados. Na história, o Lobo se comunica com os Porcos por cartas, que chegam a uma caixa postal colocada no centro da cena. Desse modo, o poder do Capital de dissolução dos seres é demonstrado na “ascensão” de Otoicinho, que se distancia cada vez mais de seus parceiros, chegando a “botar fogo e plantar bomba” nas casas de Fetito e Micotó e expulsá-los de sua casa. Ao entrarem pela janela, driblando um “eficaz sistema de segurança” (uma “cerca elétrica” instalada por Otoicinho), os dois sem-teto descobrem a identificação deste com o Lobo-Capital. Explicando a lógica-engrenagem dos acontecimentos, os três voltam à união, desta vez em um único barraco. Em suas paredes estão

¹ Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

escritos nomes de significativas comunidades, que resistem pelo direito às mínimas condições de vida digna para suas famílias.

A Próxima Companhia, que conta com diversos trabalhos cênicos em sua trajetória, atuou do início ao fim com total consideração ao público presente, interagindo a partir das reações dos espectadores com prontidão. Por todas as características elencadas, essa obra artística materializa a superação das contradições internas de organizações sociais da esquerda brasileira, justamente pela compreensão que expressam com relação à existência de um sistema complexo, que será vencido apenas com pressão e organização popular. Por isso, a canção final reforça: “O Lobo cai, a gente fica”.

¹ Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.